

Pablo Cid

(Moacyr Rosas)

As amazonas amerígenas

(Rio de Janeiro, Bruno Buccini, 1971)

A LENDA DAS AMAZONAS AMERIGENAS que está no fôro da inteligência humana paramentada de mirífica fantasia, tem fascinantemente empolgado sempre espíritos de formoso saber científico e literário, como o de Alexandre Von Humboldt e de Carlos Maria de La Condamine. A sua existência é um caso labirintado que não nos deixa tirar uma conclusão lógica, pois tôdas as tentativas nesse sentido oferecem ao nosso juízo a impressão de um pêndulo, que oscilasse entre duas poderosas opiniões, sendo fácil portanto, aceitar qualquer delas.

Esta peremptória afirmativa não nos inibe de tentar uma honesta investigação.

Bilac, o primoroso poeta patricio, numa página de deliciosa prosa sobejamente conhecida, comenta:

“Esta lenda é uma ressurreição de uma das velhas tradições helênicas. As Amazonas, segundo Heródoto e Plínio, eram mulheres guerreiras, fabulosas cavaleiras, que viviam em nação misteriosa, na Capadócia, às margens do rio Termodoonte. Hércules venceu-as e destróçou-as, e aprisionou a sua rainha, Antíopa ou Ripólita, dando-a em casamento a Teseu. Foi Francisco D’Orellana, aventureiro espanhol, companheiro de Pizarro, primeiro explorador do Amazonas, em 1541, quem encontrou ou sonhou encontrar nas margens do grande rio as Amazonas americanas. Pizarro incumbira Oreilana de descer até o mar a prodigiosa corrente, descoberta por Pinzon e então denominada Mar-dulce. O fim da expedição era o achamento da magnífica região do Eldorado. Essa viagem foi uma estupenda sortida de heroísmo alto. Durante muitos meses de combates, de misérias, de fadigas, de fomes, procurando, cada dia ao alvorecer, avistar as tôrres e as armaduras de ouro do país fantástico, Orellana e a sua bandeira percorreram 1.700 léguas, até a foz do imenso

curso. Ao chegar à Europa, Orellana narrou o seu encontro com as belicosas índias, cuja existência, ardentemente discutida, foi afirmada e negada, durante muito tempo, por viajantes e geógrafos. As Amazonas brasileiras eram, segundo uns, brancas louras; segundo outros, morenas e de cabelos negros; e eram fortes e belas, ágeis e valentes, zelosas da sua independência; e tinham costumes extraordinários. Ouvi, textualmente, o que delas disse o padre Simão de Vasconcelos, autor da “Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil”: há outra nação de mulheres monstruosas no modo de viver (são as que hoje chamamos Amazonas, semelhantes às da antigüidade, e de que tomou o nome o rio), porque são mulheres guerreiras, que vivem por si sós; habitam grandes povoações de uma província inteira, cultivando as terras, sustentando—se de seus próprios trabalhos ; vivem entre grandes montanhas; são mulheres de valor conhecido, que sempre se não conservado sem consórcio ordinário de varões...”

Tal é a lenda das Amazonas brasileiras. “Não é possível que Orellana tenha inventado de todo esta fábula. É possível que o aventureiro espanhol tenha visto, entre os índios que o guerreavam, algumas índias, e tenha acreditado que a multidão dos combatentes fôsse exclusivamente composta de mulheres; ou, talvez, como acreditam alguns escritores, êle tenha combatido com tribos de Omáguas ou Cumurus, todos homens, mas que pelo seu aspecto ou vestuário lhe tenham parecido mulheres; ou, ainda, talvez, como acreditava o padre Ivo d’Evreux, existiram realmente no Amazonas tribos só de mulheres, da raça dos Tupinambás, que, fatigadas do cativeiro em que os seus maridos as retinham, dêles se separaram e viveram à parte das outras tribos. .

Outro, Karl Von Den Steinen, que se deixara maravilhar com a história destas guerreiras mulheres, tanto que não temeu abalar a reputação de seu nome, disse: — “Ainda quando nunca tivéssemos ouvido falar das Amazonas da antiguidade, eu acreditaria, sem hesitar, nas da América, cuja existência é a mais verossímil”.

Enquanto Barbosa Rodrigues, Alfredo Ladislau, Raimundo Morais e outros negam a veracidade dêsse mito famoso, atribuindo-o a caprichos de fantasia de cronistas primévos.

O primeiro, autor do famoso O Myrakitã, afirma, naquelas páginas de real erudição histórica, que os índios, que auxiliaram como capitães de grupo (si é que existem entre êles) a horda de aborígenas que ofereceu combate aos espanhóis do bergantim, os quais Orellana e o bom frade Carvajal tomaram por mulheres, sendo os índios aupés, cujo porte, penteado e ar efeminado e o hábito de levarem consigo as suas mulheres ao combate, bem podem ser tomados por evas belicosas. E Raimundo Morais, nem isso admite. Partindo das lendas de terras estranhas conhecidas na Europa, formula assim a sua conclusão:

“Não admira pois que Orellana, quarenta anos mais tarde da descoberta assinalada pelos lusos, para amortecer e apagar talvez a deslealdade cometida ao abandonar Pizarro à fome e ao frio nos alcantis nevados do Peru, inventasse, como incidente teatral da sua descida ao sabor de uma caudalosa corrente, as tremendas Amazonas,

que, de arco e flecha, o assaltaram e o escorraçaram rio abaixo. Se na Amazônia já refloriam as histórias do variado folk-lore atual, referido de iáras e botos, de veados e jabotis, de irapurus e curupiras, Orellana juntou-lhe mais esta, reminiscência lendária da Hellade”.

OS SONHOS DOS NAVEGADORES. No século XV, todos os intrépidos nautas tinham na vulcânica imaginação um estranho país, da qual faziam brotar sonhos fantásticos, que animados pela sua tão apregoada paixão das ‘aventuras os impeliam a arrojarem-se aos mares bravios, em busca, às vészes, de ignoradas terras. Os caminhos marítimos seduziram as imaginações dos aventureiros cansados das trilhas áridas dos cavaleiros andantes, que tão sãbiamente o primoroso Cervantes soube aniquilar numa incomparável chacota. Pois as graças escudeirais enfeixadas em tórno do cavaleiro da triste figura que é o Dom Quixote de la Mancha, fizeram os intrépidos sonhadores trocar o dorso das bêstas pela condução em barcos à vela. Era corrente, naqueles tempos, a imaginária narração do cavaleiro inglês João de Mendeville no Livro das Maravilhas, cuja autoria, na opinião hodierna, pertence ao astrólogo de Lião João de Borgonha. Outra obra que convulsionou a mente da inquieta família marítima, foi o Livro das Maravilhas do Mundo, ditado pelo famoso Marco Polo a Rusticiano de Pisa, que o passou ao idioma de Voltaire, acompanhada a versão, para não se pôr em dúvida o seu cunho verídico, da seguinte nota: “Marco Polo, prudente e nobre cidadão de Veneza, viu tudo isto com os seus próprios olhos, e o que não viu, ouviu-o da bôca de homens de muita verdade”. Marco Polo foi, no conceito do prodigioso romancista Júlio Verne, “o mais ilustre viajante de tôda essa época”.

Outros mais livros, não de tanta monta, que também corriam impressos, e ficaram conhecidos na história com o nome de incunábulo, contribuíram para incitar nos mareantes sua parcela de encorajamento para buscarem seus objetivos.

Voltando as nossas vistas ao descobridor do Nôvo Continente, sabemos que “Colombo e Pinzon, como bem o diz Blasco Ibañez, “Em busca do Grão Kan” eram simplesmente dois sócios com direitos iguais nos lucros da viagem, embora Pinzon tivesse gasto mais que o outro, e se um era almirante, Martin Afonso era o verdadeiro armador da esquadilha”. Portanto, bem fundados podemos afirmar que para Colombo e seu sócio Pinzon, que ambicionavam o ouro do Grão Kan da China, tinham valor as notícias das curiosas ilhas Macho e Fêmea, das quais nos fala Marco Polo. A segunda era habitada por gente do sexo frágil exclusivamente, que recebia, nos meses de março, abril e maio, visitas dos seus vizinhos, que eram povoadores da outra ilha e viviam a sós. Aqui é fácil deduzir: pois, se tal era do conhecimento da família Pinzon também o podia ser do seu aparentado Francisco de Orellana que, como os demais da mesma lida, trazia o cérebro e o coração repletos de esperanças de realizarem feitos tão grandes como aquêles que consagraram Hércules.

E não ‘é ignorado por pessoa alguma afeita a labutar com livros históricos em tórno da Quarta Orbis Pars, que o próprio Almirante don Cristóbal Colón (grafia pessoal dêle), morreu ignorando a terra que havia descoberto, se o Japão ou a China, ou, ainda, as índias. A respeito de Colombo ter sido influenciado pela obra do nobre viajante genovês, o historiador patricio Mário Ypiranga Monteiro, nega-o em seu

precioso livro Quarta Orbis Pars estribado na autoridade do insigne alemão Humboldt. “Humboldt afastou esta suposição, pondo em dúvida a influência do livro de Marco Polo na grandiosa empresa do genovês. Cf. Cristóvão Colón, I, 53.

Acreditamos no sábio investigador, porque entre os livros comentados por Colombo não foi encontrado nenhum exemplar das viagens do italiano. A tese de Vignaud caracteriza-se pelo espírito de individualidade que empresta ao descobrimento, dando o marinheiro como pai espiritual da famosa idéia de encontrar um continente, sem a ajuda de ninguém, fôsse de Marco Polo ou mesmo de Toscanelli (Sic)“

Com a transcrição destes conceitos do acatado membro da Academia Amazonense de Letras professor Mário. Ypiranga Monteiro, queremos evidenciar o ecletismo, com. que nos comportamos diante dos nossos leitores. Em trabalho desta ordem as afirmativas, mesmo cavilosas, atuam sugestivamente no juízo dos que nos lêem.

NOTICIAS DAS AMAZONAS AMERIGENAS NA EUROPA. A quem cabe o louro de ter, em primeira mão, levado noticias destas mulheres à Europa?

Segundo o repetido conceito da História, cabe o galardão triunfal a Francisco de Orellana. É uma glória espinhosa essa, pois, tem motivado verdadeiros panegíricos em sua honra, de par com as mais violentas verrinas incendiadas de ódio.

Cabe, em são espírito de justiça, a Colombo êsse privilégio. Porém mais uma vez o almirante Dom Cristóvão Colombo foi logrado. Ainda não passou um indivíduo na história, cujos feitos fôssem tão contestados como os dêsse homem que nem pátria tem, a ponto de se lhe darem duas, para negar a verdadeira. Até ao nôvo continente, sua descoberta, dão o apelido de um mareante embusteiro Américo Vespúcio. Cerra os olhos pensando que as terras encontradas eram complementos das índias. E até às pequenas coisas, a tradição cavilosa sonega-lhe o direito.

Na famosa epístola, cujo original é desconhecido, endereçada ao tesoureiro da monarquia espanhola, de então, Don Raphael Sanches, deu notícia das amazonas, e êsse, por sua vez afirmou: “Estas mulheres não se dedicam a trabalho algum próprio de seu sexo, pois usam arcos e frechas, segundo se disse das anteriores, e se colocam por defesa lâminas de cobre, de que têm em grande abundância”. Aqui, sem desmentir a ardente e imaginosa raça latina, o real tesoureiro deu largas à sua imaginação no que diz respeito aos apetrechos cuprinos.

No curioso Diário da Primeira Viagem de Colombo, Pedro Martin, pormenorizadamente, conta que os amerígenas disseram ao almirante que mulheres sem homens habitavam a ilha de Matityma (Martinica), as quais se defendiam com armas, sem receber comando do sexo forte, e sim, de si mesmas; e foi então que o almirante apelidou-as - amazonas. Eis como se refere a êste passo, na obra citada, Blasco Ibañez: “Além disso interessava a todos conhecerem a ilha de Matinino, tôda

ela povoada de mulheres que anualmente recebiam a visita dos da vizinha ilha de Caribe. Se depois da entrevista anual davam a luz meninos, mandavam-nos para a ilha dos homens, se meninas, deixavam-nas ficar consigo para serem amazonas.

Afirma Hakluyts, citado pelo glorioso Gonçalves Dias, que disseram ao navegante florentino que a ilhota de Madanino (Monserrate), estava povoada exclusivamente por mulheres guerreiras, que passavam a maior parte do ano afastadas do comércio dos homens.

A Espanha, porém, só viera ficar inebriada com as coisas fantásticas do nôvo continente, após a chegada do homem que a história condecorou com péssimos adjetivos. o capitão Francisco de Orellana. E quem descreveu esta cruciante e assombradora história foi o cronista Fernandez de Oviedo, que teve a oportunidade de ainda se encontrar em S. Domingos e ouvir a narração do próprio herói que, na sua opinião, foi uma das maiores coisas acontecidas a homens e que valia a pena fazê-la. desde logo conhecida na Europa. Na relação apresentada. ao cardeal Bembo — Pietro Bembo, um dos entusiásticos. evangelizadores do neo-platonismo e favorito da estranha Lucrecia Borja, diz, entre muitas outras coisas imaginárias, que aquelas mulheres combatiam em guerra; que viviam a sós sob o comando de uma mulher; que possuíam ambos os peitos e não matavam os filhos, mas entregavam-nos aos pais. Foi aquêle seu depoimento apresentado no dia 20 de janeiro de 1543 e publicado no ano de 1555.

Outro que também muito contribuiu para a divulgação dêste fato lendário foi W. Raleigh, que na curiosa opinião do grande bardo maranhense G. Dias, dava “ao vulgo o maravilhoso, - para o govêrno o interêsse - e vara a rainha a lisonja”. Raleigh, nascido em 1552 e decapitado em Londres a 29 de outubro de 1618, dotado de incomum espírito aventureiro, figura galharda e insinuante que se tornou um dos mais ricos magnatas da côrte isabelina, foi favorito da rainha. Esta circunstância permitiu-lhe com a palavra eloqüente, sugestiva e colorida de que era dotado, dizer nos serões reais que havia ensinado as cunhãs guerreiras a pronunciar o sagrado nome de sua majestade. Aqui fica bem a sentença hugoana: “O cinismo vale tanto quanto a hipocrisia. Humboldt. comentando a astúcia do pirata inglês, disse que isso, sem dúvida alguma, excitara a sensibilidade da vaidosa rainha. “Isabel, — comenta V. Hugo — é um tipo que em Inglaterra, dominou três séculos, o décimo-sexto, o décimo-sétimo e o décimo-oitavo. Isabel é mais que uma inglêsa, é uma anglicana... Isabel traduzia Horácio. Isabel, sendo feia, decretava que era formosa, gostava dos quartetos e dos acrósticos, fazia que as chaves da cidade lhe fôssem apresentadas por cupidos, mordida o beijo à italiana, e volteava as pupilas à espanhola, tinha no guarda-roupa três mil vestuários, entre os quais figuravam vários trajos de Minerva e de anfitrite, avaliava os irlandeses’ pela largura dos ombros, cobria de palhetas de ouro as anquinhas, adorava as rosas, jurava, praguejava, batia o pé, dava murros nas damas de honor, mandava Dudley para o diabo, batia no chanceler Burleigh que chorava como idiota já caduco, cuspiam em Mathew, agarrava Hatton pelo pescoço, esbofeteava Essex, mostrava a coxa a Bassompierre, e era virgem”. Ora, numa côrte que tinha uma rainha desta têmpera a palavra de um cínico encantador como Raleigh só podia ser acatada festivamente. Dêsse modo, a notícia das amazonas

amerígenas pronunciarem o nome real, constitui uma nota sensacional nos meios palacianos.

Até esta altura os dados advogam a favor de Orellana, como não sendo êle o criador do mito, do embuste ou coisa que o valha. Se o ter compartilhado é razão suficiente para o acoimarem de mentiroso como até aqui tem procedido a posteridade para com êle, é oportuno que nos precatemos com a sentença de Montesquieu: “Uma injustiça feita a um só é uma ameaça feita a todos”.. Isto para evitar que continuem os historiadores a enxovalhar-lhe o nome, fundado neste motivo injusto. Robertson Works, em uma das páginas de sua História da América, taxa aquela narração de artifício de um aventureiro Gómara, depois de aniquilar as suas marcantes qualidades, classifica-o, com seu terrível e convincente estilo, de infiel e de mentiroso. Sant’Anna Nery, no seu citadíssimo Le Pays des Amazones, no mesmo ritmo, também crimina-o de traiçoeiro e de desumano; “Orellana se débarrasse de ces braves gens qui n’étaient pas faits pour le comprendre”. “L’un de ces infortunés était un domificam, Gaspar de Carvajal l’autre, un hidalgo de Badajoz, Hernando Sanches de Vargas”. Hoje, porém, tal juízo é integralmente refutado pela leitura da Relação do frade dominicano Gaspar Carvajal. Referindo-se a êste documento, A. Santa Rosa em sua História do Rio Amazonas (Pará 1926), diz: “a luz se derramou em orros sôbre fatos, e a memória de Orellana tem-se imposto à consideração mais condigna do renome da gloriosa aventura”.

Acuña, que viera a estas plagas um século após Orellana, defende-o, despido de qualquer paixão. Apreciêmo-lo na tradução do distinto escritor patricio C. de Mello Leitão: “não me persuado de sua nobreza, nem é crível que tendo êste rio tantas grandezas a que pudesse lançar mão, baixeza ordinária de quem, não podendo por seus braços alcançar a honra que deseja, procura mendigar a do vizinho”.

Em suma, se fôsse criação do cérebro de Orellana —a lenda das Amazonas amerígenas — seria caso para lhe consagrarmos admiração. Pois se há mentira construtora, esta foi uma feliz e maravilhosa mentira! Ela tem dado à mesopotâmia brasileira um comprovado prestígio nas esferas pensantes dos povos cultos. Para não apontar quantiosos nomes de talentos que se deixaram impressionar por ela, basta recordar: o citadíssimo La Condamine e Humboldt, cujo gênio está eternizado em suas obras como se fôssem letras de ouro em páginas de bronze.

REGIÃO DO FAMOSO REINO — A grande senhora na língua dos naturais era Coniupuiara e a capital de seu império chamava-se Caranai, onde eram as “casas assoalhadas no solo até meia altura e que os tetos são forrados de pinturas de diversas côres, que nestas casas têm elas ídolos de ouro e prata para o serviço do sol” (Carvajal).

Por falar em reinado destas mulheres, não será desoportuno lembrar que os indianos denominavam o país, no qual elas habitavam, Striradjya.

Porventura em que paragens, na Hiléia Amazônica, se ergueu tão civilizado e tão rico império? Se penetrarmos’ em meticulosa pesquisa, deparar-se-nos-á alabirintada perplexidade. O livro do padre Cristobal de Acuña. por exemplo, ao qual La Condamine dá excessivo crédito, assegura de modo convicto: “Os fundamentos que

há para assegurar Província de Amazonas neste rio (o Amazonas) são tantos e tão fortes, que seria faltar à fé humana o não lhes dar crédito”.

Orellana informou sua localidade, entre a foz do Rio Negro e a do Rio Xingú. O padre Carvajal que o acompanhou, dá o senhorio das amazonas estendendo-se da foz do Yamundá a “umas sete jornadas da costa”, e escreveu apoiado na autoridade do natural Caruari. Nas mesmas imediações, Acufia também o situa “entre grandes montes e altíssimos cerros, dos quais o que mais se alteia entre os outros, e que, como o mais soberbo, é combatido dos ventos com mais rigor, pelo que sempre se mostra descalvado e limpo de vegetação, se chama Ycamiaba”.

O autor do famoso Muyrakitã conta-nos: “Para mim, a tribo dos Uaupés é a célebre conhecida na história pelo das Amazonas, encontradas por Francisco Orellana. A tradição que existe entre uaupés, hoje habitantes do Alto Rio Negro, de que outrora habitaram as amazonas do Amazonas, que deixaram obrigadas por uma grande inundação, concorda com o lugar que descobri na costa do Peru entre os rios Yamundá e Trombetas, que denominei Tanakuera das Amazonas; por aí, segundo a história, Orellana viu as Amazonas”. E adiante conclui: “Se a história e a tradição não falham, aí foi a aldeia das Amazonas, porque lá encontrei os muyrakytãs e fragmentos da rocha de que são feitos, ‘assim como também aí foi achado o ídolo amazônico

Raleigh informou que o reino das mulheres sem macho demorava próximo ao rio Tapajós, onde depois de quase dois centenários La Condamine encontrou os maravilhosos amuletos. Êsse mesmo diz também que os silvícolas de Caiena lhe informaram que elas moravam ao redor das formidáveis quedas do Oiapock.

O missionário padre Gili pretendeu que tal império ficava no rio Cuchivaro, razão por que, os descendentes delas — dos aikeambenamos (mulheres vivendo só), deram à sua nova habitação, um afluente do Rio Orenoco, o nome de Cuchivaro.

O renomado viajante Carlos Maria de La Condamine soube, por informação de um velho soldado da guarnição de Caiena, que havia, numa viagem de pesquisa, penetrado até os Amicouanes, nação de largas orelhas que vive acima das nascentes dos Oiapock, que as Cunhantainsecuima, eram mulheres “que não tinham marido, cujas terras demoravam a sete ou oito dias de jornada para o lado do Ocidente”.

Em face de tantas e variadas informações não podemos, de maneira alguma, firmar um juízo concludente e positivo. Nesta altura avanço: o contemporâneo que localizar o célebre reino, ainda que fundado nos recursos de sensata lógica, pode, após pequeno raciocínio, ser aniquilado. O material literário, embora um pouco raro, sôbre as amazonas ameríndias, é vastíssimo. Dentro dêste, flagrantemente, se entrechocam abalizadas opiniões, das quais, não poucas pertencem a homens cujo áureo nimbo eviterno lhes circunda o nome.

Há escritores que, soltando rédea à imaginação, crêem que Ofir e Parvain estão localizados aqui no Brasil. “Kavila e Ophir são dois irmãos, comenta Ulysses de Pennafort, isto é, dois países vizinhos, situados um ao norte, e outro ao sul. Na região do Norte, que é Ophir, Souffa ou Separará, é onde habitavam as Amazonas. Estas Amiçuanas constituíam aquela célebre tribo composta de mulheres de orelhas

compridas que demoravam no país dos Ycamiabas, nos montes Cunurêz além das cabeceiras do Oiapock, e junto às nascentes do Essequibo e Caciquiari, que comunica o rio Orenoco com o Amazonas”. E uma das razões do autor está apoiada no fato de Orellana haver chamado as aguerridas mulheres de amazonas, querendo só por isso explicar que elas são descendentes das antigas, e herdeiras legais da ousadia e riqueza.

AMAZONAS AMERÍGENAS E SEUS SINÔNIMOS Têm sido também objeto de polêmica ou de pesquisa o vocábulo amazonas e os sinônimos por que são conhecidas as mulheres do famoso gineceu amerígeno. Antes de mais nada devemos salientar ser infundada a etimologia da palavra amazonas, como oriunda da língua de Homero: o privativo a e o substantivo mazôs — teta, mama, peito, ou seios, sem seio, isso porque supunham que elas sacrificavam o seio direito. Ou como querem os lexicógrafos helenistas: a priv. sem e mazós — petite sem. Enquanto Chassango dá a tradução da raiz alterada: “femme privée d’un sem”. A origem e composição desta palavra é discutida por outros autores de nota. E. Littré, o notável erudito francês, é um dos que afirmam: “t. mot d’origine fort incertaine”. E diz mais: tôdas essas etimologias são incertas; e é possível que amazonas seja qualquer nome geográfico, ou qualquer termo mitológico, cuja etimologia é hoje desconhecida”. (Dictionnaire de La Langue Française).

Escutemos agora, a respeito, a opinião do notável cônego Raimundo U. Pennafort: — “Eu julgo também que êste nome vem do mesmo grego amaxon, amaxion, amacion, que significa: petit chariot (pequena berlinda) tíma espécie de carro de quatro rodas de que se serviam as amazonas asiáticas” (Brasil Pré-Histórico). Vejamos agora a opinião de A. Lettere (Jesus e sua doutrina, Rio, 1934), que se apóia na autoridade ilustre de Fabre d’Olivet (Histoire Philosophique du Genre Humain) Amazonas (Ramas — Ohne) que significa — sem macho. Esta palavra compõe-se de raiz mãs em latim, maste em francês arcaico, — maschio em italiano, moth em irlandês. Ohne é a negativa de onde mas-ohne, ao que o fenício aplica o artigo ha, donde, portanto: sem macho

“A palavra Amazonas nem é de origem grega propriamente dita, nem tão pouco devêmo-la ao tal Orellana, que tudo falou de outiva. O vocábulo Amazonas, adulterado como se acha hoje, é originário das línguas americanas, que por seu turno promanam das línguas semitas ou arianas, como vamos demonstrando”. E em uma nota acrescenta o mesmo escritor: “Eu admito o fato histórico das Amazonas brasilenas, porém, com os seus nomes próprios e bem significativos de Ycamiabas, nome sânscrito, de gsamicaka, ‘ysamicábas, (de ay priv. e samikabo, sem união de sexos) ; os arianos dizem ayas-gant, ysctmodjana (sem união de sexo) donde a palavra indígena —amicuanes e Aykabeninos, do mesmo sânscrito manusa-y’akeneana, isto é, mulheres que não têm marido, que vivem sós”. (Pennafort).

Referente ao termo amazonas, como ficou dito em capítulo anterior, tal expressão não foi pronunciada por índio algum, como em lamentável equívoco, refere o nosso acreditado historiador Visconde de Porto Seguro ao anotar as Descrições de Maurício de Heriarte, em 1871. Aliás não fui eu o Colombo desta observação, e sim, a menos que me falhe a memória, o escritor Cândido de Mello Leitão.

É também muito vulgarizado o termo Icamiaba, e conjetura-se com possíveis razões, que tal termo foi dado a estas belicosas mulheres por motivo de seu reino estar situado à orla da Serra Itacamiaba, aliás Itacamiúua (grafia muito mais corrente) conhecida também pelo nome de Yaci-taperê (aldeia da lua), sita às margens do Rio Jamudá. Pode ser no rigor etimológico uma palavra composta de quatro desinências: ita caa meen anã (a pedra da mato sôbre a qual se entregam), a qual, sofrendo várias influências das figuras metaplásticas, se reduziu respectivamente: Itacamenaua, Itacamenaba, Itacamiaba, Icamiaba. Além daquele significado há mais o seguinte:

pedra peito de gente. Pode-se ainda decompô-la doutras. maneiras mais, a saber: Camby (icami) — leite, ana (aba) — quem, logo: leite de gente. Mas outra forma de decomposição se nos apresenta: Cama, peito (da mulher) iaba, o que se diz, logo: seio falado. O distinto naturalista patricio J. Barbosa Rodrigues (O Muyrakitã, 11 parte), que tentou provar que a civilização precolombiana descendia de outra de continente civilizado e até para o nosso discutido problema, ora à balha, encontrou uma significação idêntica a do propalado vocábulo helênico amazonas. Vejâmo-la: Ycamiaba, v-ela, cam-seio, ninão, aba-qua (pre' posição verbal): a que não tem seio. Além destas, podemos trazer mais uma de duvidosa origem, como anteriormente vimos na transcrição que fizemos em linhas acima da autoria do cônego Pennafort.

Examinemos a outra expressão — Cunhãtesecuyma (mulher sem marido), cog-mantain-secoima; ambas têm. a mesma tradução e foram grafadas pelo célebre viajante e cientista francês La Condamine, na página 104 de sua monumental obra *Relation d'un voyage fait dans l'interieur de l'Amerique Meridionale* (Paris, 1745). Em torno do primeiro termo o sr. Ângelo Guido em seu livro editado pela Livraria do Globo, opina que aquêle escritor “não tenha grafado com segurança a denominação dada às amazonas pelos índios que ouviu. Talvez tivesse proferido cunhãtãs-secóimas (o grifo é meu), unia vez que secô, como recô é o mesmo que tecô, isto é, uso, costume.

É provável também que da fusão das três palavras que compõem a expressão com que eram designadas aquelas mulheres resultasse cunhãtesecuimas. Entretanto, decomposta a expressão, resultará, como já fizemos notar, mulheres-lei-sem, e não como interpretou La Condamine, mulheres sem marido, pois que marido, em nheengatú, é mena e menasaraima quem não é casado ou casada. Logo, “mulher sem marido” devia ser cuuhãs-menasaraimas e não cunhãtesecuimas”. Aqui peço vênua ao apreciado escritor para uma pequena observação, e esta, aliás, devo ao saudoso e culto amazonólogo Dr. Octaviano de Mello, “Ita”, no fim das palavras daquele idioma é uma desinência que pluraliza; por conseguinte, aquela pluralização à portuguesa é errônea. Bom momento para repetir aquela sentença do mestre Horácio: “Quandoque bonus dormitat Homerus”.

Coniupuiára, melhor seria cunhã-pujava ou cunhãpujara, cuja tradução é “Grandes Senhoras”. Êste termo foi ouvido e anotado pelo frade dominicano Gaspar de Carvajal.

Aikeambeno, na língua tamanaque, segundo afirma em *Saggio di Storia Americana* o abalisado padre Salvador Gili, é — mulheres que vivem sós.

Pelo visto, até aqui, a etimologia, sinceramente, não dá margem para conclusões.

MUIRAQUITÃ — Passagem embaraçosa em que os negadores da existência das amazonas americanas esbarram, como diante de um enigma, é a referente ao amuleto muiraquitã.

Esta lenda, colorida num fausto verbal, perturba os que lhe perquirem as origens. Começa por aí a história dos talismãs das amazonas. Na verdade, existem as pedras verdes. Essa côr verde tem um significado melancólico. Parece tomado às nostalgias por lhe faltar o calor que animava as robustas mulheres lendárias. Mas, o verde-pálido não será porventura a côr da saudade.? A côr exata do amuleto é a côr da saudade.

No momento em que escrevo, estamos no segundo quartel do século XX, e é crença que o muiraquitã tem a virtude de dar sorte a quem o trás consigo em um estôjo de prata pura. Outra coisa curiosa a notar é a sua temperatura que lembra a do ouro, também possuidor de temperatura própria.

Em estudos dêste gênero, é imprescindível uma divagação etimológica, enfadonha sem dúvida, mas que nem por isso deixa de ter o seu interêsse.

Vejamos. A esta pedra opaca, côr de alface, chamou-se na Europa Beilestein (que é o resultado da união do silicato de magnésio, cálcio e ferro), variedade compacta branca-esverdeada de actinoto. Tem como sinônimo nefrito, pedra que nossos avoengos das margens do Mediterrâneo usavam como substância terapêutica infalível na cura de suas cruciantes cólicas renais.

Lá, no velho continente europeu, se propôs e se usou por algum tempo o sonoro vocábulo composto — amazo-nen.stein, que traduz: pedra das amazonas. Aliás não é desoportuno, aqui, fazer uma ligeira referência às amazonas da antigüidade. Esta pedra de que ora se cogita. não tem nenhuma relação com o mineral que usavam as citas, aquêlo curioso bando de mulheres que, deixando os maridos, assentou moradia nas ribas do sinuoso Termodonte, em Capadócia, e que era denominada por Plínio e Teofraste de — “esmeralda”. Era assim que geralmente apelidavam todo gênero de pedra verde, quer fôsse trans-lúcida ou opaca. Isso apenas elucida que a ignorância não tem idade.

O conde Ermano Stradelli, cujo nascimento numa província italiana foi saudado com festejos populares, contrastando com sua morte ocasionada pelas torturas do mal de Hansen, taciturnamente enlapado na sua dor íntima, escreveu a palavra myrakytan, que não só foi aceita pelos estudiosos, como conquistou popularidade. Dá sua tradução assim: kytái, kytctn, nó de madeira; rnyrá, muyrá, ‘mbyra, árvore, pau, madeira. Já Maurício de Heriarte, acorde embora na tradução, grafa o vocábulo dêste modo: uuraquitan, dando-lhe o gênero masculino.

Outra particularidade digna de nota.

Muiraquitã é o legítimo nome dos amuletos manufacturados em madeira pelos indígenas da estepe verde do continente sul-americano, enquanto que, na realidade, itaquitan é o nome dos talismãs feitos de pedra, e que se têm encontrado com certa

abundância. Faz-se-lhes um orifício em um dos extremos, o qual serve para atravessar um fio que é atado ao pescoço. O curioso diante de uma pedra adquirida das mãos dos selvagens pode facilmente confundir o itaquitan com o tembetá, que é um bodoque de pedra (artefato arqueológico verde), que os goitacás, tupinambás e tamoios usavam vaidosamente no lábio inferior. Afirma Heriarte que os índios do Maranhão compravam a noiva com pedras verdes denominadas: baraquitãs. Henry Wassen, em seu estudo, reportando-se às arqueológicas rãs verdes da Amazônia e fundando a sua opinião em Franz Heger, afirma que se deve restringir o termo muiraquitã, e somente aplicá-lo “aos pequenos, furados e, muitas vezes, zoomórficas pendentes de nefrite achados numa área bastante definida ao redor de Óbidos”.

Nas lendas eruditas sobre as amazonas é comum deparar-se-nos a palavra incáica — Yacumana, que é a mãe do muiraquitã e mora na parte mais íntima do ventre dos lagos.

O talismã em questão é uma variedade de jade — a sagrada pedra dos chines, que Confúcio venerava como símbolo da virtude, O mito ameríndio é algo pitoresco.

• Eis como J. Barbosa Rodrigues, em seu “Muiracytã”, resumiu a fascinante lenda:

“Diz-se que outrora no lago Yacyuaruá (Yacy: lua; ~uaruá: espelho; o espelho da lua) reuniam-se as amazonas em certa época do ano, em determinada fase da lua, depois de dia de expiação faziam uma festa dedicada à lua e à mãe do muirakitã, que no fundo do lago habitava. Finda a festa, quando as águas estavam límpidas e nelas, como em um espelho, a lua se refletia, tôdas as amazonas se lançavam no lago e iam ao fundo receber das mãos da mãe do muirakitã os mesmos, com as formas que desejavam. Saíam moles, mas em contacto com o ar endureciam. E esculpiam como desejavam.

Êste amuleto tem um tamanho padrão e nunca se viu, pelo menos que eu saiba, um que fuja a pouco mais ou menos de dois centímetros de comprimento por um de grossura, e trazendo sempre em relevo a escultura de um animal da selva amazônica, que pode ser uma rã com suas elásticas pernas encolhidas, veado em foga carreira, tartaruga em sonolento repouso, onça, jacaré, e outros bichos de nossa quase insuperável fauna.

Estranho, verdadeiramente inexplicável é o desenho de uma pedra que ainda deve dormir no famoso museu. do Sumo Pontífice Benedito XIV, em Bolonha, representando uma perfeita cabeça de poldro. Ora, o caso é realmente de admirar, pois, como sabemos, tais herbívoros. foram introduzidos nestes pagos sul-americanos por seus intrépidos colonizadores. O professor Water Spalding, num estudo moderno de demorada investigação sobre a. “Origem do cavalo atual”, na América, no Brasil, refutando alguns autores que querem comprovar existências. de eqüinos na América, estribados em vocábulos de que os naturais se servem para denominar aquêles quadrúpede, argumenta:

“Isso, portanto, não prova reminiscência do Equus na América e tanto mais que entre várias tribos andinas, como brasileiras de Mato Grosso e do Amazonas, não há palavra que designe, ainda modernamente, o cavalo; entretanto, onde cêdo se fêz

sentir a influência européia, o cavalo surgiu e, com êle, a designação indígena, adaptada”.

Heriarte acrescenta: “contas redondas e compridas, vasos para beber, assentos, pássaros”, e o mais já citado.

“Saíam moles, mas em contacto com o ar endureciam”. A propósito desta frase, diremos que, em sua *Histoire Naturelle, Mineraux Du Jade*, Buffon afirma que a pedra das mulheres guerreiras do Norte da América do Sul não é um produto imediato e simples da Natureza. A Amazonenstein cuja dureza está entre o quartzo e a mica, sofre, preliminarmente, o labor de escultura e levada em seguida ao fogo. Só assim se explica a sua elevada dureza a ponto de não sofrer na superfície os atritos da lima e, unicamente, deixar-se riscar pelo diamante. Omalius supunha-a da hierarquia das sílicas e classificou-a de feldspato compacto. O glorioso Humboldt não lhe aceitou a classificação como uma variedade de jade e nem como sendo feldspato compacto, mas simplesmente feldspato. Num mais recente estudo, O. Derville encontrou neste minério ora estudado: nefrite, jadeite, yete, esteatite e quartzo.

Muito se tem escrito sobre a fonte dos famosos talismãs, sem, contudo, qualquer uma das suposições ter o mérito de ser concludente. Admite-se a forte hipótese de que sua jazida está no Turkestan chinês, sendo sua manufatura destinada a grandes colares que se acumulavam, enriquecendo o patrimônio dos antigos mandarins e do soberano do antiquíssimo império. O famoso etnólogo brasileiro Barbosa Rodrigues fundou sua teoria nesta conjectura que por sua vez é calcada nos trabalhos do conselheiro Fischer, que explica a vinda de tais amuleto dependurados aos pescoços dos componentes das grandes ondas humanas que desceram das frias escarpas do Tibet, dos gelados dorsos do Pamir e da acidentada Mandchúria e atravessaram a pé enxuto o lugar, hoje denominado estreito de Behring.

A maioria dos amazonólogos, porém, não crêem na sua descendência asiática, mas amazônica, estando ainda aberta a questão de saber verdadeiramente onde está o seu leito geológico. Este heróico mineral tem sido achado na América do Norte, em algumas paragens da América Central e em muitas regiões da América Latina. Os numerosos talismãs que apresentam a forma de rã tanto se têm encontrado na Venezuela como na América Central. Ora, se êstes amuletos eram presentes que as queridas filhas dos Trópicos davam como mimos, numa concludente prova de alegres afetos daquelas poucas noites passadas em comum, aos bravos selvagens de determinadas tribos, como foi, todavia, possível, aos muiraquitãs locomoverem-se a paragens tão diversas? É certo que a resposta pode ser arquitetada facilmente, estribada no fator -tempo. Mas outros pretendem explicar a seu modo. Assim, Heriarte, reportando-se aos contos mitológicos dos Xágaba, explica que a rã verde corria à semelhança de moeda para comprar mulheres. Em *Forschungsreise zu den Kágaba*, Konrad Theodor Preuss descreve uma interessante lenda da tribo chibcha da Serra Nevada de Santa Marta (Colômbia) em que depois do colorido prelúdio o sol pede em casamento a filha do pajé, e êste, por sua vez exige que lhe pague uma rã de pedra verde e outra de pedra vermelha.

Outros ainda dizem que os chefes dos Tainan usavam-nas para minorar as dores das espôsas durante o parto.

Se estas coisas têm algo no fundo de veracidade, por que não acreditar na sua perambulação? Eu, pelo menos, não me recuso a acreditar. Nem sempre os Tomés são os mais sensatos. O local da origem do artefato, afirma Franz Heger, é completamente desconhecido. No baixo Amazonas, nas proximidades de Óbidos, entre as fozes dos rios Nhamundá e Tapajós, perdidos nas alvas e rebulhantes areias das praias do soberbo Amazonas, tem-se descoberto esse mineral. Eis a razão por que: C. H. de Goeje (Oudheden uit Suriname) acredita: ‘parece bastante seguro que na região do Amazonas, entre o rio Yamundá e o rio Tapajós, havia um centro de distribuição desses objetos’.

Fiquemos, pois, com a crença, uma vez que não nos foi possível descobrir a realidade confortadora.

AS MULHERES PRIMITIVAS Aqui, não será extemporâneo dizer algo sobre as amazonas primitivas.

Justino, baseado nos documentos de Trogno Pompeu (Hist. L. 2 e 4), conta que Scolopito e Ylinos, príncipes citas, expulsos de sua pátria, foram habitar a Capadócia, à margem do rio Termodonte, com um grande número de jovens que levavam consigo. Constituíram família e foram, um dia, vítimas de uma emboscada preparada pelos seus inimigos. As infelizes viúvas - aqui se iniciam os primeiros dias das amazonas - mataram os poucos homens que lhes restaram, maridos de suas companheiras, as quais a desgraça não havia ferido, para que fôsse a dor igual no coração de todas. Então ofereceram combate aos inimigos, a princípio em defesa das fronteiras de suas terras e logo mais para estabelecer a paz. Repudiaram por completo o matrimônio, mas uma vez ou outra permitiam aos vizinhos compartilhar de seu leito. Os filhos, frutos destas aventuras, vinham à luz sob um triste signo: tiravam-lhes a vida logo ao nascer, enquanto as filhas eram educadas para a equitação, para a caça e mormente para as armas. Todavia antes de as entregarem a este escabroso mister, queimavam-lhes o peito direito para não causar obstáculo algum ao lançamento da seta. Existe também outra versão, segundo a qual os seios das amazonas eram atrofiados através do uso contínuo de um aparelho de cobre, fabricado especialmente para este fim. Ângelo Guido, já citado neste trabalho, contraria este fato, argumentando assim: “Para se ter uma impressão de como os gregos representavam as Amazonas, sem a mutilação do seio, basta passar os olhos nas numerosas reproduções de frisos e estátuas sobre o assunto, reproduzidas na obra de Salomon Reinach”.

Prosseguindo, todavia, dentro da narração de Justino. As Amazonas fizeram várias rainhas; concluindo a dinastia com Talestris, a qual conseguiu a presença do próprio Alexandre Magno em seu leito durante treze noites, a fim de ter um filho. Foi porém frustrada a esperança. Parca lhe tirou a vida pouco tempo depois. E com ela extinguiu-se o original e turbulento reino. Xenofonte, que viveu antes de Alexandre, fala nas terras em que se acredita que viveram as amazonas, mas não toca, mesmo de passagem, na existência das mesmas. Será que em sua época eram já uma fábula ou ainda não existiam? Outro fato que milita contra a intimidade de Alexandre e as amazonas é Ptolomeu e Aristóbulo, que acompanharam o insuperável conquistador, não relataram coisa alguma relacionada com as belicosas cavaleiras, e que consolide

a suposição de haver Alexandre passado noitadas em orgia com Minithya, como também chamavam a última soberana das amazonas.

Deodoro de Sicília, historiador grego e coevo de Augusto, nos livros III e V, conta as façanhas deste exército feminino em várias partes do mundo em que habitaram, enquanto Apolônio — C .1. — explica assim a razão de sua independência: “deusa irritada (Vênus) as tornou aborrecidas a seus maridos, que, abandonando-as, procuraram novos prazeres nos braços das escravas que cativaram; dissolvendo a Thrácia e ardendo de ódio e ciúme, assassinaram os seus próprios maridos e rivais, na mesma noite de infidelidade”. Em torno deste poema, & imortal vate maranhense Gonçalves Dias escreveu que,

à falta de assunto original e empolgante, “Apolônio teve de recorrer ao maravilhoso e sobrecarregar o seu poema de episódios., e valeu-se da tradição das amazonas, que na ilha Lenos aparece tão fora de caráter., como as habitantes das ilhas dos Amôres aos companheiros de Gama”.

As amazonas da Líbia (L’Atlantide, de Otto Silbermann, pág. 71 — Cristóbal Colón y El Descubrimiento de América, Humboldt, pág. 163), segundo a tradição, surgiram à margem da Lagoa Tritonida, cuja primeira rainha foi Pallas, filha de Japeto Atlante.

Estas mulheres, um dia, comungando o desejo de sentir a sensação da liberdade, fugiram ao jugo do homem e conservaram a virgindade até certo tempo. Mas quando atingiam a idade padrão de se entregarem ao homem, arranjavam marido que também lhes servia de criado. Era o matriarcado por excelência. É uma aberração da natureza, mas da qual se tem notícia, uma vez ou outra, nestes milênios de história, e que contrasta paradoxalmente com a lenda de D. Juan, e com a existência de Casanova! Os frutos femininos daquelas uniões eram recebidos com indizível alegria: gozavam de todo cuidado materno e eram alimentados com leite de cabra, ao passo que aos do sexo forte lhes inutilizavam os membros, para mais tarde não se tornarem superiores, como era fado da natureza. Quem não se revolta ainda com aquelas cenas imortais do Homem que ri, que foi mutilado pela mão perversa de um anatomista mercenário? Mais dolorosa é esta cena, em que a própria mãe surge como protagonista.

Conta-se também que na Europa, em idade pré-histórica, mulheres aboríginas, em grande número, entregues ao culto da Magia, isolaram-se dos homens, ocultando-se à sombra das densas florestas, ou nos antros dos montes lavados pelo dilúvio.

Escondido sob o pseudônimo de Eneas Silvius (*), o papa Pio II escreveu em sua História da Bohêmia (Capítulo VII), que outrora, no século VIII, existia naquele país uma forma de república idêntica à das amazonas, sob a direção da inteligente e ousada moça Valasca, uma das damas de tyliassa, filha de Crocus, rei da Bohêmia. Estas, sob o ponto de vista materno, não ficaram aquém no plano de crueldade às suas antecessoras, pois também recebiam jubilosamente as filhas, e aos filhos lhes vasavam o olho direito e lhes cortavam o polegar da destra para os impossibilitar de entesar o arco. E, além disso, viviam organizadas militar e civilmente.

Agora, é o audacioso e celeberrimo Marco Polo quem vem à balha, informando o imaginoso Júlio Verne, o qual, em seu livro *Descoberta da Terra*, pág. 89; vol. 1, escreve:

S'•• da Arábia oxide arribou às ilhas Macho e Fêmea, assim chamadas porque uma é exclusivamente habitada pelos homens e a outra pelas suas mulheres, que êles só visitam nos meses de março, abril e maio

Aqui, neste bosquejo, encontram-se quase tôdas as notícias que a História não esquece, referentes às mulheres de todos os tempos, que se alistaram nas milícias de Marte e sacrificaram ou afetaram sacrificar no culto a Vênus.

(*) Incido no êrro para não quebrar o ritmo histórico de vários séculos, pois o nome verdadeiro dêste historiador foi Enéas Silvio Piccolomini, que exerceu a chefia da Igreja cinco anos, onze meses e vinte e seis dias, com o nome de Pio II.

USOS E COSTUMES DAS AMAZONAS — Um perfume de sedutor mistério paira na história destas mulheres; para tôdas as conjecturas que se imaginam só há uma resposta: reticências e interrogações...

O tantas vêzes citado bergantim “Vitória”, construído à margem do Rio dos Omáguas, comandado por Orellana, desceu “O das águas gigante caudaloso, que pela terra alarga-se vastissimo”, — F. G. Magalhães.

O Mar Dulce,, na expressão de Pinzon, que só vigora historicamente, vinha tripulado, além do comandante, por dois frades, um dos quais era Carvajal, e cinquenta soldados espanhóis. Navegavam em busca de alimento para os numerosos companheiros que ficaram à margem do Rio Omáguas, o qual, na valorosa opinião de Toribio de Medina, é “o Napo no ponto de sua confluência com o Aguarico”. O destino, porém, não quis que o bergantim tornasse ao ponto da partida como haviam combinado. Quanto mais dias se passavam, mais crescia a distância e a fome mais assolava a bordo com o seu horripilante aspecto, como afirma pungentemente o frade: chegamos a tal extremo que comíamos couro, cintas e solas de sapatos cozidos com algumas ervas”. É conhecido de todos que a fome não respeita o direito de propriedade, e mormente propriedade do selvagem. Razão por que vou extrair um trecho da *Vida de Cristovam Colombo*, de W Irving: “contra os quais tinha de empregar fôrça para obter provisões. Em alguns lugares as próprias mulheres carregavam contra os espanhóis; e esta circunstância deu lugar à fabulosa narração”. Esta foi fantasiada e cunhada como verídica pelo índio Apária (*), a quem Orellana deu grande e até demasiado crédito. Outrossim, não nos devemos olvidar que as perguntas eram formuladas pelos europeus ao seu próprio arbítrio. Tanto assim, que quando interrogaram ao índio trombeteiro, prêso na escaramuça dos brancos e naturais entre lamundá e Trombeta, sobre as mulheres (* *) que supôs ter visto em terra oferecer combate aos seus; as perguntas eram formuladas a bel prazer e as respostas não se faziam esperar e sempre afirmativas. Destas perguntas houve

algumas bem absurdas que foram afirmadas. Entre outras as seguintes: 'a de andarem vestidas de finíssima (!!)lã; a de terem camelo.

(*) Apúria, também grafado Aparian ou Parian, segundo a observação de Toribio de Medina, assim chamava-se o selvagem que deu notícia das amazonas, o que fêz acordar a imaginação do aventureiro, cujo espírito errava em mirificantes sonhos de encontrar algo portentoso; era a cobiça de todos os nautas, era o que fazia crescer o número de alienígenas em todos os países. Não obstante, a inferioridade intelectual do índio podia, assim mesmo, suggestionar Orellana; pois a faculdade de suggestionar não é privilégio de raça. "A sugestividade — diz A. Austregésilo — é Laculdade humana predominante". E acrescenta mais, os suggestionáveis são indivíduos de boa fé." Orellana, hoje, está quase provado, era um homem bom. Mas os naturais são, em regra geral, uma corja de ladinos. Logo, não é estranho que Apúria afirmasse que estivera em terras do gineceu das amerígenas.

(**) A respeito do caráter do indígena meridional eis o que diz Neri Tanfucio, citado por Lombroso em seu famoso El Delito:

"Astutos, mentirosos y timidos, su existencia es una serie de pequeías fraudes". Na opinião de Gonçalves Dias: "como crianças, respondem muitas vêzes no sentido em que supõem que desejamos a resposta e prestam fàcilmente seu testemunho a cousas que nunca viram". Blasco Ibañez, historiando a descoberta da América diz:

"Êstes eram dados ao exagêro, a responderem afirmativamente a tôdas as perguntas, não mostrando estranheza em presença de qualquer objeto que lhes mostrassem, e assegurando que os havia iguais nas suas terras, mas longe, muito longe, numa região fantástica que, conforme o seu capricho, situavam em pontos diferentes do horizonte".

. E, no entanto as que êles viram andavam como nossa mãe Eva. Ei-las aqui, retratadas pelo frei Carvajal, que também foi testemunha ocular: "Estas. mulheres são muito alvas e altas, com cabelos muito compridos, entrançados e enrolados e andam nuas em pêlo tapadas em suas vergonhas..." Não são casadas, mas quando lhes vem aquêlo desejo" vão buscar os vizinhos.. à fôrça (!!) ; e depois, se nascem filhas são bem recebidas e se, ao contrário, forem homens, matam-nos ou os devolvem aos pais ('1)

A ARISTOCRACIA DAS AMAZONAS — "Trazem os cabelos soltos até o chão (*) e postas na cabeça coroas de ouro, da largura de dois dedos" — como pachorrentamente escreve o bom frade espanhol. Tinham bastante fôrça, tanto que causou admiração uma delas meter "um palmo de flecha em um dos bergantins".

Sôbre o assunto Herrera escreveu que atirar flecha uão é novidade nas índias, como se viu nas ilhas Barlavento, Cartagena, etc. (Hist. de La Decouverte et de La Conquête du Perú — Paris, 1742/4 Cap. II).

Quem primeiro especificou a natureza de sua raça foi Alonso Rojas, que disse serem elas raça superior e também foi o primeiro a afirmar que elas só tinham um seio. Em torno de tal assunto industriou-se muita literatura entulhada de fantasias, algumas das quais, descrendo do mito, derramam acusações ao nome de Orellana.

(*) •.. cabelos soltos até o chão.., com esta informação poder-se-ia apurar um dos pontos sólidos para refutar os adversários de Orellana, firmando-se na autoridade do insígne Gregório Marafion (A Evolução da Sexualidade e os Estados Interseccuais, p. 32): “A longa cabeleira foi sempre de fato um dos caracteres específicos da atração sexual da mulher”. E acrescenta em uma nota à mesma página: “Segundo Bucura os cabelos da mulher podem atingir a altura do corpo, enquanto que os do homem não ultrapassam nunca os ombros”. Segundo Rank, “o comprimento médio do cabelo feminino é de 75 cm, porém, freqüentemente atinge a 150 cm, e mesmo mais (Stratz)”. Sólida teoria; mas com calcanhares de Achilles. É sabido que existia na bacia amazônica uma tribo mais branca que as demais, assim conta Heriarte, e que os aventureiros lusitanos chamaram Encabelados, “por trazerem os cabelos mui compridos em demasia, que às vêzes lhes arrastam pelo chão, assim os homens como as mulheres...

La Condamine não identificou o seu criador, porém acreditava que fôsse criação de europeu o dar-se como hábito daquelas amazonas amputarem o seio direito às filhas. A respeito, um escritor de nomeada, como tivemos oportunidade de dizer em capítulo anterior, assevera que para usar aquêles instrumentos guerreiros não há absoluta necessidade do sacrifício daquele órgão.

Comentando a obra de La Condamine, o celebrado bardo de Caxias adverte: “A cauterização ou amputação do seio era operação cujos perigos mal podiam êles suspeitar, e o próprio Cunha a refere de um modo tão singelo e simples, como se tratasse de aparar unhas ou cortar o cabelo”.

SEUS AMORES — Dando folga à imaginação sôbre os amôres das Icamiabas, alentado volume poder-se-ia escrever. Aqui, todavia, nesta síntese, só pretendemos essencial.

E para tanto compulsemos obras que digam respeito a tal assunto. Carvajal, como se viu em outro capítulo, diz que tinham comércio com o sexo forte de tempo em tempo. Alonso de Rojas conta que recebiam visita, uma vez por ano, dos índios Omáguas, a qual durava dois meses. Acunã escreveu que tinham comércio com os varões uma vez por ano, e os ditosos favorecidos chamavam-se Guacarás, que em sua obra (Lettres Americaines, Boston, 1788), Caril observa esta curiosa coincidência: a denominação dêstes naturais se assemelha muito com a dos agraciados das antigas amazonas, que, segundo Strabão, era — Gargari.

Agora vejamos o seguinte: na hipótese de que haja veracidade nesta tradição, é absurdo crer-se no regime sexual destas mulheres. Primeiramente, considerando o poderoso fator climático, devemos lembrar-nos que, mesmo em qualquer parte que se localize o reino feminino, está colocado na zona equatorial, cuja fôrça fenomenal

é apta em desenvolver tudo com luxuriante beleza e precocidade, quer no reino vegetal, quer no reino animal. As mulheres alcançam a puberdade, nesta região, com menos idade que as outras noutros climas. Depois de algumas considerações, Mantegazza, em seu incansável labor de pesquisar a fisiologia da mulher, expende: “entre todos êstes fatôres o mais eficaz é o clima; pois é certo que, nos países quentes a puberdade se desenvolve primeiro que nos países frios”.

Isso, todavia, de se tornarem mulheres prematuramente, não quer dizer que fôsse impossível guardar castidade. Isso será talvez exato, porém depois das primeiras relações com o sexo oposto, pois o apetite genital ou libido, ou ainda tumescência só aparece com pronunciado vigor nas mulheres que praticaram o amor real. Porventura esta teoria vai de encontro ao paradoxal conceito do notável sexeólogo G. Marafion: — “O orgasmo é um luxo na mulher, uma necessidade no homem”. Se, na realidade, assim fôsse, muitas mulheres não deixariam periclitara a honra conjugal, para buscar alegria fora de sua alcova. Sabemos também da grande distinção que há entre aquelas e estas, que constituem o firmamento do nosso hemisfério social. Aquelas indubitavelmente não conheciam muitas noções de higiene, enquanto as nossas se esmeram no culto da pele, o que faz lembrar a afirmação do filósofo irônico de Fèrney: “O zêlo da própria saúde faz mais sensíveis os órgãos da volúpia”. Isso, porém, não debilita o juízo formado em tôrno das amazonas. Aceitemos, agora, porém, a palavra de Lombroso: “La estadística y la fisiologia humanas demuestran que la mayoría de nuestras funciones sufren la influencia del calor”. E mais adiante ‘acrescenta y, por consecuencia, al fanatismo religioso y despótico. De aquí un exceso de libertinaje’...; razão por que, dada a existência delas, não podemos de modo algum aceitar tão proverbial castidade. A natureza tem leis irrevogáveis.

Agora escutemos a espirituosa conclusão que delas tira o grande Montesquieu (.Esprit des Loix, L. 14 Cap. 1): “O certo é que o alvoroço com que elas recebiam os hóspedes, e que Acuiña nos relata, mostra que lhes não era indiferente aquela união”.

Lopez de Gomora, ainda que não fôsse um cientista, era um homem instruído e descrente de muitas coisas atribuídas às Amazonas, como se vê no seguinte período:

“Nem creio que nenhuma mulher queime e corte a mama direita para atirar com o arco, pois com ela o fazem à maravilha, nem creio que matem ou desterrem seus próprios filhos, nem que vivam sem marido, sendo luxuriosíssimas.”

Havelock Ellis, o egrégio sexeólogo, em um dos seus eruditos livros, defende os ameríndios com invulgar brilho e cultura. Diz que, para ser estudado o selvagem, não deve êste ter tido contacto com o civilizado — o semeador de libertinagem. E considera-os mais moderados em suas relações que os civilizados. “A raça é menos lasciva que as raças negras e brancas”. E explica a razão, atribuindo-a em grande parte “às duras condições da vida, assim como a uma qualidade insensível do tecido nervoso”. Não poderemos negar o precioso senso científico que encerra sua teoria, porém não nos satisfaz ao pensarmos em aplicá-la às Icamíabas, cuja riqueza tinha proverbial fama. As da alta estirpe serviam-se em baixelas de ouro! A construção de suas casas era de pedra. Suas roupas de finíssima lã! E, mais ainda, possuíam

escravas; logo, essa gente tinha boa vida e do seu extensíssimo reino, com dezenas de tribos recebia a senhoriagem.

Enfim, mais coerente foi o imortal sábio Humboldt (*Voyage aux Régions équinoxiales*, Paris 1816, T 8.0) quando, após uma análise do tema, disse: “recebiam depois visitas de algumas tribos vizinhas e amigas, quiçá menos metodicamente do que confessa a tradição”.

Agora, concluindo o presente capítulo, vejamos as palavras do abalizado dr. Alexis Carrel em sua magistral obra *O Homem*, êsse desconhecido: — “A mulher é~ na realidade, profundamente diversa do homem. Cada célula do seu corpo tem o sinal do seu sexo. O mesmo acontece com os seus sistemas orgânicos, e sobretudo com o sistema nervoso. As leis fisiológicas são tão inexoráveis como as do mundo sideral, e é impossível substituí-las pelos desejos humanos; temos de as aceitar tais quais são

LA CONDAMINE (*Relation abrégée d’un voyage fait dans l’intérieur de l’Amérique Méridionale*, Paris 1745), o defensor galhardo do sonho de Orellana, buscou em todos os lados abundante documentação, que é, até certa altura, incontraditável. Todavia, Gonçalves Dias, em seu trabalho, “*Amazonas*”, que, sem favor algum, é o melhor trabalho sôbre tal assunto escrito por brasileiro, contradiz muitos passos da obra do francês; aliás, muitas destas contradições têm sido usadas por escritores nacionais como de primeira mão.

Suponhamos, porém, que as Amazonas tenham existido, para considerar certas originalidades suas, que, não resta dúvida, são genuínas aberrações da natureza.

Exemplos: Oferecer combate aos homens por instinto, sabendo nós que “e sempre o macho — afirma Voltaire — que ataca a fêmea e com maior particularidade comenta Marafión. “Esta lei não varia dos animais inferiores ao homem: Desde a origem celular da vida — o espermatozóide procura o óvulo”.

Não é fácil também de compreender o motivo delas atrofiarem, ou cauterizarem, ou ainda mutilarem o seio direito, visto que êste em nada lhes obstava o uso das suas rudes armas.

Quanto aos filhos que, segundo uns, elas matavam, observa Gonçalves Dias: o infanticídio é um ato que repugna à natureza. E no caso de entregá-los aos pais, só o faziam no ano seguinte; tinham, então, três meses. E como se explica o resto, se êles não possuíam mulheres para cuidar dos recém-nascidos?

Pergunta Gonçalves Dias: se fôssem elas fecundadas no mesmo período do ano, caso aliás possível, como poder-se-iam defender de uma agressão dos seus inimigos nos últimos meses de gravidez?

Conversando certa vez com um etnólogo ilustre, Professor Harald Schultz, a respeito destas mulheres, êle, a dado momento, ex-abrupto inquiriu:

- Voce crê na existência das Amazonas?

Vacilei e demorei um pouco a resposta. Ora, eu tinha escrito êste trabalho, justamente para provar que foi uma realidade a existência das amazonas ameríndias.

Moveu-me o desejo, antes de encetá-lo, de apresentar provas irrefutáveis, não arquitetadas por mim, mas fundadas em fatos. Que encontrei? Sábios e escritores com opiniões divididas: muitos dando crédito e alguns negando. Como história, todavia, não é dogma que se fundamenta na crença para aceitar ou não, minha opinião, depois desta cansativa pesquisa sobre as Amazonas, nada pode significar. E noto ainda: quanto maior é a distância da época em que a notícia de seu reinado adveio ao conhecimento da cultura européia, tanto mais os perquiridores vão tornando-se indecisos. Humboldt, La Condamine, Steinen não encontraram provas concludentes, mas se declararam inclinados a aceitá-las. Já não se deu o mesmo com os poetas de raça, tais como Gonçalves Dias e Olavo Bilac, que trataram o assunto como lenda. E eu que estou mais distante ainda, devendo por isso mesmo ser mais cauteloso, respondi, então, ao Dr. Harald Schultz:

- Não.

- Pois eu creio. Afirmou o ilustre etnólogo.

‘E explicou-me que a região, onde se acredita tenha existido o império das Amazonas, é desconhecida e ainda não explorada. Vinte anos na selva, em completo abandono, seriam bastante para sepultar qualquer cidade. Um silvícola disse-lhe uma vez que sabia onde estavam as ruínas de tal reinado. Mas, como êle estava de regresso a São Paulo, não pôde verificar a região apontada pelo amerígina. Tempos depois, procurou o aborígina e não o encontrou. Assim, o etnólogo ficou com a crença de que existiram as Amazonas ameríginas, e nós com a convicção de que elas constituem apenas uma fábula encantadora.